

Peculiaridades e paradoxos do nacionalismo integralista (1932-1964)¹

Peculiarities and paradoxes of the integralista nationalism (1932-1964)

Peculiaridades y paradojas del nacionalismo integralista (1932-1964)

Gilberto Calil

Resumo

Este artigo discute a configuração do nacionalismo reivindicado e difundido pelo movimento integralista brasileiro em diferentes momentos de sua trajetória. Como movimento de caráter fascista, o integralismo sempre teve a proclamação do nacionalismo como destacado elemento de seu discurso, ainda que isso se concretizasse de diferentes formas segundo o contexto político. Assim, na década de 1930 o nacionalismo integralista incorporava a crítica ao capitalismo internacional, no início dos anos 1940 reivindicava a ligação indissolúvel entre Brasil e Portugal, e no pós-guerra articulava-se, de forma contraditória, com uma plataforma econômica neoliberal.

Palavras-chave: Integralismo. Nacionalismo. Plínio Salgado.

Apresentação

O movimento integralista brasileiro constituiu-se em 1932, sob a liderança do escritor paulista Plínio Salgado, configurando-se movimento de caráter fascista, conforme reconhecido por grande parte dos investigadores.² Nesse contexto, é compreensível que o nacionalismo seja uma de suas principais bandeiras e que seu discurso seja permeado por proclamações nacionalistas. Ainda assim, este artigo pretende demonstrar que o nacionalismo integralista modificou-se substancialmente de acordo com as diferentes conjunturas políticas, expressou-se de

* Professor Adjunto do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Unioeste. Doutor em História Social. gilbertocalil@uol.com.br.

Recebido em: 24/09/2012 Aprovado em 09/12/2012

<http://dx.doi.org/10.5335/hdtv.13n.1.2999>

formas contraditórias e progressivamente perdeu relevância no discurso e no projeto integralistas. Para isso pretendemos discutir a importância e as características do nacionalismo para o movimento integralista em três contextos distintos: durante o período de existência legal da Ação Integralista Brasileira (1932-1937), durante o exílio de Plínio Salgado em Portugal (1939-1946) e no período compreendido entre o retorno de Salgado ao Brasil (1946) e o golpe civil-militar de 1964, período que basicamente corresponde à existência do Partido de Representação Popular (PRP), fundado em setembro de 1945 e extinto pelo Ato Institucional número 2 em outubro de 1965.

Plínio Salgado e o nacionalismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)

A formação intelectual e política de Plínio Salgado no período que antecede à fundação da Ação Integralista Brasileira (AIB) tem como elemento mais destacado sua atuação como literato e participação na Semana da Arte Moderna de 1922 e no movimento modernista. De particular importância é sua atuação à frente do Grupo Verde-Amarelo, constituído em 1926 com outros escritores de direita, como Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia. O Grupo Verde-Amarelo articulava-se em torno de um nacionalismo ufanista, contrapondo-se violentamente ao movimento antropofágico de Mário e Oswald de Andrade. Ainda em 1926, escreveu seu mais importante romance modernista, *O Estrangeiro*, fortemente marcado pelo nacionalismo *verde-amarelista*

e pela reivindicação dos méritos e valores do *Brasil profundo*, o que, segundo Maria do Pilar Vieira, marca “a grande virada do pensamento de Plínio Salgado”.³

Alguns anos depois, Salgado aceitou o convite de um amigo para viajar à Europa e ao Oriente como preceptor de seu filho, lá permanecendo entre abril e outubro de 1930. Foi nessa viagem que tomou contato com o fascismo, chegando a conversar com Mussolini. O fascismo o levaria a amadurecer uma proposta de ação política concreta. O encontro com Mussolini teria reforçado sua intenção de liderar um “movimento de ideias”: “Contando eu a Mussolini o que tenho feito, ele achou admirável o meu processo, dada a situação diferente do nosso País. Também como eu, ele pensa que antes da organização de um partido, é necessário um movimento de ideias”.⁴ Segundo Maria do Pilar Vieira, “o contato com a Europa vai acentuar ainda mais o nacionalismo e o antiliberalismo que existiam em embrião em seu pensamento, além de lhe trazer um novo tema: o anti-comunismo”.⁵ Da Europa, Salgado enviou carta a um amigo, revelando o impacto do fascismo em seu pensamento:

Tenho estudado muito o fascismo; não é exatamente esse o regime que precisamos aí, mas é coisa semelhante. O fascismo, aqui, veio no momento preciso, deslocando o centro de gravidade política, que passou da metafísica jurídica às instituições das realidades imperativas. (...) Penso que o Ministério das Corporações é a máquina mais preciosa. O trabalho é perfeitamente organizado. O capital é admiravelmente bem controlado. (...) Volto para o Brasil disposto a organizar as forças intelectuais esparsas, coordená-las, dando-lhes uma direção, iniciando um apostolado.⁶

De volta ao Brasil, passou a apoiar o “Governo Provisório” de Getúlio Vargas, na expectativa de uma política antiliberal que promoveria a almejada “renovação” política: nesse sentido, redigiu o Manifesto da Legião Revolucionária, organização do tenentismo antiliberal, mas rompeu com o movimento pouco depois de seu lançamento. O jornal *A razão*, que circulou entre junho de 1931 e maio de 1932, foi instrumento privilegiado para que propagasse suas ideias, defendendo que “a estrutura do Estado deve ser corporativa e unipartidária, tornando-se o quadro no qual as diversas categorias profissionais se fazem representar em órgãos legislativos”,⁷ desenvolvendo temas como a defesa da unidade nacional, o anticosmopolitismo, a consciência nacional, a denúncia do Estado liberal e o anticomunismo, e assumindo sua posição abertamente como de extrema-direita:

O mundo contemporâneo não admite senão duas interpretações dos destinos da sociedade. Ou ficamos com a tese de Karl Marx e adotamos o princípio do materialismo histórico e o processo de revolução social; ou ficamos na extrema-direita, afirmando que o homem e a sociedade objetivam, através das contingências econômicas, ideais superiores, de natureza intelectual, moral e espiritual.⁸

Salgado então constituiu um núcleo de intelectuais que compartilhava das ideias centrais de seu pensamento, fundando em fevereiro de 1932 a Sociedade de Estudos Políticos (SEP). Em 12 de março, uma Assembleia Geral da nova entidade aprovou seus princípios gerais, apontando para uma perspectiva já bastante próxima da que caracterizaria a AIB:

Somos pela unidade da Nação; somos pela expressão de todas as suas forças produtoras no Estado; somos pela implantação do princípio da autoridade, desde que ela traduza forças reais e diretas dos agentes da produção material, intelectual e da expressão moral do nosso povo; somos pela consulta das tradições históricas e das circunstâncias geográficas, climatéricas e econômicas que distinguem nosso País; somos por um programa de coordenação de todas as classes produtoras. Somos por um ideal de justiça humana que realize o máximo de aproveitamento dos meios de produção em benefício de todos, sem atentar contra o princípio da propriedade, ferido tanto pelo socialismo, como pelo democratismo; somos contrários a toda tirania exercida pelo Estado contra o indivíduo e as suas projeções morais; somos contra a tirania dos indivíduos contra a ação do Estado e os superiores interesses da Nação; somos contrários a todas as doutrinas que pretendem criar privilégios de raças, de classes, de indivíduos, grupos financeiros ou partidários, mantenedores de oligarquias econômicas ou políticas (...).⁹

Salgado também fez aprovar, em maio de 1932, “a criação de uma nova comissão técnica, denominada Ação Integralista Brasileira”,¹⁰ voltada à ação prática de disseminação do programa e dos princípios da SEP. O passo seguinte seria a publicação imediata de um manifesto lançando o novo movimento, adiado em virtude da eclosão do movimento constitucionalista. Enquanto isso, Salgado estabeleceu uma rede nacional de contatos para a expansão do integralismo, utilizando-se de grupos pré-existentes como a Ação Social Brasileira, a Legião Cearense do Trabalho, a Juventude Operária Cristã de Helder Câmara, a Ação Patrianovista Brasileira e o Partido Nacional Sindicalista de Olbiano de Melo.¹¹

O Manifesto definia as linhas gerais da doutrina integralista, com ênfase para o nacionalismo, em duas frentes “através do anticospopolitismo e conseqüentemente do antiliberalismo e do anticomunismo, enquanto se procuraria elevar o grau de consciência nacional, fortalecendo a unidade do país; para isso contava-se com o auxílio da ciência – a psicologia social”.¹²

Divulgado o manifesto e estabelecida a rede de contatos, Salgado tratou de encaminhar a estruturação nacional do movimento integralista, abandonando as demais atividades da SEP. A Ação Integralista Brasileira se estruturava internamente seguindo um vasto e complexo esquema de organização, dotado de códigos de hierarquia e disciplina, símbolos e rituais e diversas instâncias diretivas, permeados por elementos simbólicos que remetiam fortemente ao nacionalismo, com destaque para a saudação indígena “Anauê” (“você é meu irmão!”) adotada pelos integralistas, para o símbolo maior do movimento, a letra grega Sigma (Σ), cujo significado remete à ideia de totalidade, para a cor verde do uniforme integralista, e para os protocolos seguidos em todas as atividades integralistas, obrigatoriamente encerradas de forma solene com o Hino Nacional.

O nacionalismo permeava o discurso integralista dos anos 1930 e era indicado como eixo central de seu projeto. Ainda assim, paradoxalmente, não era claramente definido nem fundamentava propostas concretas em termos econômicos. Ao contrário, possuía “um sentido mais cultural e político do que econômico”.¹³ A dimensão econômica era secundária, reduzindo-se à crítica genérica e vaga ao “capitalismo internacional”.

A perspectiva nacionalista aparecia mais claramente em sua proposta de ordenamento político, que propugnava uma radical centralização do poder, em detrimento da autonomia das unidades federativas e dos partidos regionais, considerados responsáveis pelo enfraquecimento da Nação. Em termos culturais, apresentava-se fundamentalmente como anticospopolitismo e como cultor das “tradições nacionais”. A valorização do “homem simples” do interior, suposto depositário dessas tradições e imune aos “estrangeirismos” expressa ambos aspectos. Os integralistas se propunham a disseminar o nacionalismo, através de comemorações de datas pátrias, da reinterpretação do passado nacional, do culto aos “heróis nacionais”, do estímulo às práticas culturais vistas como tradicionais e da denúncia do caráter “antinacional” de seus adversários.¹⁴ Além disso, os militantes integralistas recebiam doutrinação nacionalista voltada à valorização dos “símbolos nacionais”, através dos rituais do movimento e de códigos que remetiam à nacionalidade, como o “Anauê”, o “Sigma” e a “camisa verde”

Uma marca dos discursos integralistas dos anos 1930 era a articulação de seu pretenso nacionalismo com um suposto anticapitalismo, seguindo o percurso de outros movimentos fascistas. No entanto, tal como em seus congêneres europeus, as críticas do integralismo jamais colocavam em questão as bases do sistema capitalista, mas geralmente se concentravam em uma definição imprecisa e ambígua de “capitalismo internacional”, ao qual opunham um capitalismo nacional, supostamente justo e harmônico. Como ressalta Trindade, “o essencial do sis-

tema capitalista, porém, permanecia intangível, na medida em que o integralismo não punha em questão a propriedade dos meios de produção e o princípio do lucro”.¹⁵ A crítica ao capitalismo, ainda que superficial e inconsistente, era necessária para que o movimento se apresentasse como “renovador” ante sua base social pequeno-burguesa. Essa mesma contradição foi enfrentada pelos diversos fascismos em sua fase de movimento, quando os vínculos com o grande capital ainda não transpareciam. A solução encontrada pelos integralistas foi semelhante à ocorrida nos demais fascismos: concentrar a crítica ao “capitalismo internacional”, responsabilizando-o pelas mazelas do capitalismo, sem colocar em questão a propriedade e as formas de apropriação da mais valia.

O discurso integralista sobre o capitalismo assumia ainda uma perspectiva moralizante, atacando o “luxo pecaminoso” que “destrói a vida comunitária e familiar, pautada pela simplicidade”.¹⁶ A proposta de “reforma do capitalismo” expressa, portanto, a visão da pequena burguesia e, ao mesmo tempo, indica uma solução fascista, através da intervenção estatal, mantendo-se intocada a propriedade privada dos meios de produção.

Em termos gerais, portanto, o nacionalismo cumpriu papel importante no discurso integralista dos anos 1930, permeando seu discurso e se constituindo em elemento decisivo para a arregimentação de militantes. Muito presente nos elementos simbólicos e na interpretação cultural, marcava também a perspectiva de reorganização política e centralização do poder, embora não chegasse a configurar um projeto econômico

nacionalista claro e abrangente. Tal carência apenas se acentuaria nas etapas seguintes.

Plínio Salgado em Portugal (1939-1946)

O golpe que instaurou o Estado Novo inaugurou uma conjuntura desfavorável para o integralismo. Ainda que o movimento tenha apoiado ativamente o Golpe e saudado a instauração da ditadura varguista, suas expectativas foram rapidamente frustradas, com a inesperada inclusão da Ação Integralista Brasileira no rol dos partidos políticos proibidos. A despeito de inúmeras iniciativas dos integralistas buscando um entendimento com Vargas, o movimento foi colocado na clandestinidade e, em maio de 1938, fracassou em uma ação armada conhecida como “Intentona Integralista”. Até então os integralistas eram pouco visados pela repressão política e podiam manter certa organização interna. Com o fracasso do levante armado, as condições pioraram sensivelmente e Salgado foi levado à clandestinidade. Detido no início de 1939 e processado pelo Tribunal de Segurança Nacional, Salgado obteve autorização para partir para um exílio em Portugal em maio daquele ano.

Antes de sua partida, lançou um manifesto, amplamente divulgado na imprensa, no qual expressava abertamente o apoio à ditadura varguista e recomendava aos integralistas que mantivessem uma postura de “ordem e serenidade”, em nome da “união nacional”. Já no exílio, Salgado reafirmou esta posição em nova diretiva aos integralistas, defendendo a “confraternização de todos elementos políticos brasileiros torno algumas modificações governo pretexto pa-

cificar país”.¹⁷ Em inúmeras correspondências, manifestos e diretivas enviados entre 1939 e 1943, Salgado reafirmou sistematicamente sua disposição em buscar um acordo com Vargas que permitisse seu retorno e a participação do integralismo como força de apoio ao Estado Novo, ainda que de forma subordinada. Nessa perspectiva, os integralistas chegaram a constituir uma “Legião Nacionalista”, cuja pretensão era “ser o embrião do Partido Único de que tanto necessita o Brasil e que em breve poderia devido nossa influência se tornar o melhor sustentáculo do Estado Novo”¹⁸, cujo funcionamento não foi autorizado por Vargas. As expectativas integralistas em torno de um acordo com o ditador foram definitivamente frustradas com a entrada do Brasil na II Guerra Mundial, que tornava contraproducente ao regime qualquer aproximação com o integralismo, a despeito da manifestação pública deste em apoio à declaração de guerra do governo brasileiro.

A deflagração da Guerra, logo após sua chegada em Portugal, criou uma situação delicada para Salgado. Em carta enviada ao genro Loureiro Júnior ainda em 1939, ele expressava seu incômodo, inclusive cogitando uma transferência para a Argentina:

Começou a grande guerra. As edições dos jornais sucedem-se e os rádios gritam as notícias, crescendo a superexcitação popular. (...) Desde agora, emitir opiniões contrárias aos interesses ingleses é muito incômodo. Temos de ouvir tudo caladinhos. E o país ainda não está em guerra. Isso tudo me leva a pensar na possibilidade de minha ida, com os companheiros, para a Argentina, via Estados Unidos.¹⁹

A declaração brasileira de guerra ao Eixo certamente agravou este desconforto, que de resto transparece apenas em sua correspondência particular, pois para um “nacionalista”, era impositivo tomar posição pública de apoio à posição tomada pelo governo brasileiro, ainda que a identidade ideológica com o bloco nazi-facista agravasse o incômodo desta posição. Logo após a definição da posição brasileira, os integralistas tornaram pública sua “solidariedade”, propondo-se retoricamente a serem “os primeiros a nos sacrificarmos, sem distinção de classe ou idade, pela soberania nacional”.²⁰ Em novembro de 1943, Salgado endossou essa posição, declarando “que, nessa guerra contra as potências do Eixo, só traidores deixariam de trabalhar pela vitória de nossa Pátria e das nações suas aliadas”.²¹ Daí em diante, absteve-se de novas declarações, só manifestando-se publicamente em 1945, já no contexto de crise do Estado Novo e da derrota militar do nazi-fascismo.

A posição pública de Salgado é contraditória com os contatos clandestinos por ele mantidos em Lisboa com agentes italianos e alemães, conforme fartamente documentado por Ricardo Seitenfuss e Stanley Hilton. Segundo Seitenfuss, logo após o torpedeamento dos navios brasileiros, o “Eixo procura seu antigo aliado brasileiro: o integralismo”, a começar pela Itália, que “certa da vitória final do Eixo, se preocupa, em abril de 1942, em organizar o mundo do pós-guerra. No início de 1942, o enviado especial italiano, doutor Colpi, antigo cônsul em São Paulo, chega a Lisboa a fim de encontrar-se com o líder da ex-AIB”,²² o qual teria se declarado “muito interessado em participar - en-

quanto representante do Brasil – da futura conferência de paz que deverá ser organizada logo após a vitória militar do Eixo”, declarando-se ainda “apto a fornecer todas as informações de que dispõe referentes às bases militares norte-americanas instaladas no Brasil”.²³ Por sua vez, também os agentes alemães teriam mantido contatos frequentes com o chefe integralista. Conforme Hilton, Salgado teria se encontrado diversas vezes com o agente nazista Schellemborg, impondo como condição “que a Alemanha o reconhecesse, por assim dizer, como o líder político do Brasil”.²⁴ Salgado ficara responsável pelo envio de relatórios periódicos “sobre os acontecimentos no Brasil”, para o que contava com a colaboração de Raymundo Padilha. Na avaliação do agente nazista Theodor Päßgen, “os relatórios de Salgado sobre o Brasil às vezes eram bons, mas freqüentemente eram defasados”.²⁵ Por diversos meses, Salgado “continuará sua espionagem em prol do Terceiro Reich. Ao longo de 1942 e 1943, Schellemborg e Päßgen transmitiam a Wilhelmstrasse relatórios de um de seus agentes em Lisboa – presumivelmente Plínio Salgado – sobre as bases norte-americanas no Nordeste brasileiro, a situação política no Brasil e as relações militares entre este país e os Estados Unidos”.²⁶ Esses contatos foram sempre negados por Salgado e pelos integralistas, embora sua comprovação na documentação diplomática seja irrefutável.

O exílio de Salgado em Portugal pode ser dividido em dois períodos claramente distintos. Até o final de 1943, evitou pronunciamentos públicos e manteve-se bastante discreto, enquanto concentrava seus esforços na coordenação das iniciativas voltadas

à negociação com Vargas, além de acompanhar detidamente os rumos da Guerra. A partir do final de 1943, justamente quando os rumos da Guerra passavam a indicar uma provável vitória dos aliados, Salgado passou a atuar como conferencista em inúmeras atividades públicas, bem como em sua publicação em livro.²⁷ Naquele momento, a temática principal de seus pronunciamentos apresentava-se como cristã e espiritualista, culminando na proposição de um “conceito cristão de democracia”. Ainda assim, o nacionalismo seguia tendo certo destaque em seu discurso, com uma configuração algo distinta, na medida em que além de compreender a “personalidade nacional brasileira” articulada à sua “missão cristã”, passava a reivindicar uma “nacionalidade luso-brasileira”, que reuniria Brasil e Portugal como nações predestinadas à disseminação e defesa do cristianismo.

Dessa forma, Salgado passava a sustentar que “a lusitanidade é o traço fundamental do Brasil e dos seus naturais. A História da sua Pátria começa no alvorecer da nacionalidade lusitana e não apenas quando naquele dia de 1.500 os portugueses descobriram um continente onde supunham encontrar apenas uma ilha. Até nesse fato se pode meditar num desígnio superior, que não num acaso”.²⁸ Assim, concluía que “nenhum brasileiro será verdadeiramente brasileiro sem mergulhar no mistério profundo das raízes lusíadas”.²⁹ O colonialismo era justificado e aplaudido em nome de sua “missão evangelizadora”. O Brasil, que teria dado “aos portugueses e à lusitanidade um império com 45 milhões de habitantes”, teria ainda seu destino vinculado ao de Portugal

“Eu não posso compreender que sendo nós, portugueses e brasileiros, uma unidade histórica do passado, não sejamos uma unidade histórica no presente e não a continuemos no futuro”.³⁰ A reinterpretação da história brasileira se dava ressaltando simultaneamente o desempenho de uma “missão cristã” e a unidade entre Brasil e Portugal, inclusive retomando temas caros ao integralismo dos anos 1930, como o elogio da “evangelização” dos indígenas e a explícita justificação da escravidão negra, tida como produto de uma correta “psicologia das raças”:

Os que ainda hoje acusam os jesuítas e os governos portugueses por intrudizirem no Brasil a escravidão africana, ao passo que deixavam livres os índios, não fazem senão mostrar a superficialidade com que apreciam a obra daqueles verdadeiros técnicos da psicologia das raças. Cumpre ainda acentuar que o negro em África já era escravo, o que não se dava com o índio no Brasil. Saindo do cativeiro das selvas nativas, o negro encontrou sob o domínio dos cristãos, o limiar da liberdade e da dignificação humana. Foi batizado, cristianizado, instruído nos ofícios mecânicos, convivendo com as famílias patriarcais, subindo na confiança dos senhores, tornando-se companheiro do branco na construção de um mundo novo.³¹

Um discurso como esse era muito bem recebido nos círculos intelectuais do salazarismo colonialista, facilitando a projeção intelectual de Salgado em Portugal. Ainda assim, não se trata apenas de um discurso conjuntural, pois apenas radicalizava elementos já presentes no integralismo dos anos 1930. Já em 1939, em carta a seu genro, Salgado registrava sua opinião de que o Brasil ainda seria “um povo criança”, o que reforçava a necessidade de uma aliança

privilegiada com Portugal: “temos que ser genuinamente continentais. (...) Agora, em Portugal, o problema atlântico aparece mais nitidamente aos meus olhos”.³² Essa posição não foi abandonada no pós-guerra, ao contrário, ensejou a defesa, no Programa do Partido de Representação Popular aprovado em 1946, da “continuação e fortalecimento de uma obra de efetivo intercâmbio com a Nação Portuguesa e seu Império, tendo em vista que a História do Brasil não principia apenas com a Descoberta de Cabral, mas tem seu início desde o século XII, sendo o período que vai desse século ao XVI, a fase de formação de uma língua, de uma consciência jurídica e religiosa e de um tipo de civilização comum aos dois povos”. O Programa concluía que “uma política de aproximação com Portugal dará ao Brasil um poder mais forte de afirmação de independência e soberania”.³³ De Portugal, Salgado traria, além de sua defesa de uma “política atlântica” e do reforço dos laços entre Brasil e Portugal, também o reiterado apoio à ditadura salazarista e, em particular, à política colonialista portuguesa, posições que foram constantemente propagadas nas duas décadas seguintes.

O integralismo do pós-guerra e o nacionalismo (1946-1964)

No pós-guerra, uma nova configuração político-social e a nova inserção institucional do movimento modificaram fortemente o sentido do nacionalismo integralista. A modificação mais evidente foi o definitivo obscurecimento de sua dimensão socioeconômica e seu confinamento a espec-

tos simbólicos e culturais. O nacionalismo integralista passou a ser definido em termos vagos e genéricos, com poucas implicações concretas no terreno socioeconômico. A Carta de Princípios do Partido de Representação Popular articulava nacionalismo e patriotismo, justificados com a proposição de que cada Nação teria um “destino histórico” a cumprir:

Há para cada povo uma realidade de transcendente importância, que não é universal e, sim, nacional. Tal é a realidade da Pátria. Cada povo tem sua Pátria, que não se confunde com as outras Pátrias, porque cada nação é um conjunto diferente de realidades. (...) As grandes nações, no campo do espírito, são aquelas cuja elevação moral e intelectual se impõe ao respeito e à admiração das demais. Pequenas e inexpressivas, as que se deixam diluir no caldo das civilizações alheias. Como brasileiros, queremos que o Brasil seja uma grande nação, rica de valores espirituais próprios, capaz de pronunciar, no concerto das nações a sua palavra, inédita, pessoal e fecunda.³⁴

Tal “destino histórico” teria, paradoxalmente, uma fundamentação teológica, expressa na consideração de que “foi Deus quem diferenciou os homens, as raças e as nações, dando-nos por Pátria o Brasil”,³⁵ daí decorrendo que “a cada comunidade política toca desempenhar missões próprias no curso da História, em relação às demais comunidades políticas”.³⁶ Ao Brasil caberia “influir, pela sua cultura, pelo seu esforço, no sentido de restaurar os valores morais, dando-lhes predomínio sobre os materiais, na obra de salvação universal”.³⁷ A missão do Brasil estaria associada aos Estados Unidos: “A Providência Divina assinalou o Brasil e os Estados Unidos para serem os pioneiros da libertação do mundo”.³⁸ Ainda assim,

no âmbito discursivo retomava-se pregação anticospopolita:

A subserviência a ideologias ou partidos estrangeiros é perigo de morte para nossa Pátria. Não é só pelas armas que uma nação pode ser conquistada. A influência de povos estrangeiros, despersonalizando o Brasil, equivaleria a uma renúncia e redundaria em nosso aniquilamento. Somos contra o cosmopolitismo, porque não queremos ser estandartizados.³⁹

O “verdadeiro nacionalismo” residiria no reforço da “personalidade nacional”, cujo conteúdo não era explicitado:

Os brasileiros precisam ser brasileiros. Precisam, cada vez mais, cultivar a personalidade nacional. (...) Povo que não é nacionalista é povo que perde a personalidade; e perdendo-a, deixa-se escravizar pelo capitalismo internacional e pelo socialismo bolchevista, ou pelas forças dos agentes corruptores, que vem destruir a nossa Pátria.⁴⁰

O pretense anticospopolitismo e reivindicação do nacionalismo e da “personalidade nacional” fundamentavam o antocomunismo, justificando que fossem “condenadas e proscritas, com ardor patriótico, embora com espírito cristão, todas as ideologias que possam vir a comprometer a unidade espiritual e por em perigo mortal a grandeza e o futuro do Brasil”.⁴¹

Em uma entrevista concedida em 1959, Salgado buscava sistematizar sua definição de Nação, pretendendo sustentar discursivamente a crítica ao “capitalismo internacional”:

Fisiologicamente, a Nação é constituída pelos Municípios que a estruturam. Sendo estes autônomos, da sua soma decorre a autonomia nacional, já encarada como soberania. (...). Ora, se estes necessitam de meios econômicos para serem livres, a

Nação também não pode subsistir sem independência econômica. Essa a razão pela qual o Integralismo se bate contra todos os agentes internos e externos do empobrecimento nacional. Esse o motivo da nossa luta contra os trustes, monopólios, grupos financeiros e todos os instrumentos da dominação capitalista sobre os povos. Desfraldamos essa bandeira em 1932 e nunca deixamos de empunhá-la. (...) Psicologicamente, a Nação é uma consciência de diferenciação histórica dos demais grupos humanos.⁴²

A suposta oposição aos trustes, monopólios e grupos financeiros era meramente retórica, sem nenhum desdobramento nas ações concretas do partido. No embate concreto que opunha liberais e nacional-desenvolvimentistas, os integralistas tomavam claro partido dos primeiros, combatendo a intervenção do Estado na economia, em nome da defesa de um “nacionalismo equilibrado”, em oposição ao “nacionalismo exagerado e estatista”:

O Nacionalismo Integralista luta pela independência econômica do Brasil e pelo culto das tradições nacionais; quer dar aos brasileiros uma consciência do seu valor e incutir-lhe confiança na sua destinação histórica. Nosso Nacionalismo, entretanto, é equilibrado porque se subordina a uma filosofia que faz do Homem a base de toda construção social. E aqui está a diferença entre o Nacionalismo Integralista e esse outro Nacionalismo que se prega atualmente no Brasil. (...). O Nacionalismo que atualmente se prega no Brasil é nitidamente estatizante, ou estatista, confundindo a Nação com o Estado. Podemos, pois adicionar-lhe um adjetivo para termos dele uma idéia exata, dizendo que é um Nacionalismo Socialista, idêntico ao Nacional-Socialismo de Hitler. Firma um princípio do qual se podem tirar as piores

conseqüências, desde a abolição da iniciativa privada no campo da economia até a supressão da liberdade de ensino e, finalmente de toda a liberdade do Homem, que gradualmente vai sendo absorvido pelo Estado.⁴³

Salgado apresentava sua posição como a defesa de um “nacionalismo cristão”, necessário para “nos defendermos do cruel materialismo que ameaça o mundo”, e que, portanto, deveria “ser cultuado”, mas com a ressalva de que “esse nacionalismo não deve ser exagerado”.⁴⁴ A oposição ao “nacionalismo exagerado” levava os integralistas a combater as principais propostas nacional-desenvolvimentistas. Em junho de 1948, por exemplo, o Diretório Nacional aprovou por unanimidade um parecer apresentado por Raymundo Padilha, repudiando o projeto de monopólio estatal do petróleo, posição ratificada pela V Convenção Nacional do PRP, em agosto do mesmo ano.⁴⁵ O jornal integralista *Idade Nova*, então dirigido pelo próprio Padilha era explícito: “Nós não acreditamos nessa história de interferências misteriosas do capitalismo estrangeiro”,⁴⁶ defendendo que o capital externo fosse recebido em “igualdade de condições” com o nacional: “Estrangeiro ou nacional, o capital deve subordinar-se às leis do país e acatar rigorosamente os regulamentos em vigor”.⁴⁷

Dissociado de qualquer conotação econômica, o nacionalismo integralista se restringia à comemoração de datas nacionais e ao enaltecimento dos “heróis pátrios”. Em termos práticos, concentrou-se na defesa da alteração no Hino Nacional, propondo a substituição do verso “Deitado eternamente em berço esplêndido” por “Em pé, altivo, em berço esplêndido”, sem sucesso.⁴⁸

Assim, o nacionalismo integralista entre 1945 e 1965 era, em termos econômicos, fundamentalmente retórico e residual. Um projeto efetivamente nacionalista seria contraditório com o papel político desempenhado pelos integralistas nesse período. O nacionalismo era reivindicado pelo movimento como uma ligação abstrata com a Pátria, cimento utilizado para conectar os diferentes elementos da pregação integralista. Atendia assim as expectativas de seus adeptos,⁴⁹ mas não ensinava a defesa de posições econômicas nacionalistas nem ações concretas em defesa da soberania nacional.

O projeto econômico defendido pelo integralismo tinha perspectiva claramente neoliberal, sendo marcada pela crítica à intervenção estatal na economia. Nas palavras de Salgado, “toda intervenção do Estado no ritmo normal da produção e do comércio é nociva”.⁵⁰ A associação entre livre empresa, capitalismo e democracia remonta às proposições do ultraliberal Friederich Hayek: “Repugna-nos a idéia das planificações com excessiva intervenção do Estado, mesmo nas democracias liberais, como hoje acontece, as quais levam, na opinião de Friederich Hayek, ao caminho da servidão e da ditadura”.⁵¹

Salgado acusava a suposta ineficiência das empresas estatais, mencionando os “déficits enormes” da navegação marítima, sustentando que “seus serviços são deficientes, morosos e antieconômicos”, e acrescentando que “as estradas de ferro em mãos do Governo constituem outra sangria nos cofres da Nação”, o mesmo ocorrendo com a Petrobrás e a Eletrobrás. Sua “solução” apontava claramente para a privatização:

Nossa sugestão é de abri-las ao capital privado. (...). Cremos sinceramente que o Estado deva reduzir seus encargos, principalmente aqueles que são estranhos à sua finalidade natural. Devemos ter a coragem de pensar e agir assim. Não se deve esquecer que outras nações, por sinal poderosas, não temem que sua segurança possa ser afetada pelo exercício pleno da livre empresa, do capitalismo democrático que defendemos.⁵²

Durante todo o período que corresponde à trajetória do Partido de Representação Popular essa posição se manteve, proliferando-se os constantes ataques à intervenção do Estado na economia, às políticas industrializantes e às empresas estatais, e defendendo-se em contraposição a abertura da economia, o fortalecimento das empresas privadas e a desregulamentação das relações econômicas, em termos estritamente neoliberais.

Considerações finais

Nossa interpretação em torno do nacionalismo integralista leva em consideração dois marcos gerais: a qualificação do integralismo como movimento fascista e os diferentes contextos políticos em que o movimento interviu. Dessa forma, em um primeiro momento encontramos um tratamento semelhante ao dos fascismos europeus, concentrado na crítica ao “capitalismo internacional”, mas destituída de um projeto econômico consistente, articulado a uma propaganda patriótica e ufanista de defesa dos valores e da cultura nacionais. A partir de 1939, no contexto do exílio de Plínio Salgado em Portugal, sua elaboração doutrinária

ria passou a reivindicar a unidade histórica entre Brasil e Portugal, ao mesmo tempo em que assumia uma posição pública de apoio à declaração de guerra brasileira ao Eixo e de forma clandestina negociava com agentes alemães e italianos para que fosse reconhecido como líder político do Brasil em uma “Ordem Nova” que se instauraria com a vitória do nazifascismo. Finalmente, no pós-guerra, em um contexto em que forçosamente tinha que se apresentar como democrático e no qual intervia institucionalmente através de um partido político, o integralismo abandonou definitivamente os traços de nacionalismo econômico e assumiu uma plataforma estritamente liberal, aliando-se à bloco privatista e internacionalizante, o que era compensado simbolicamente com a reivindicação do nacionalismo em termos culturais e simbólicos e com medidas inócuas como a defesa da alteração do hino nacional.

A despeito das distinções importantes, não é possível afirmar que em qualquer momento o integralismo expressasse um projeto nacional claro e consistente, ainda que na década de 1930 sua afirmação tivesse maior importância para o movimento e no decorrer de sua trajetória posterior tenha se afastado progressivamente de qualquer perspectiva nesse sentido.

Abstract

This article discusses the configuration of nationalism demanded and spread by the Brazilian integralist movement in different moments of its trajectory. Like movement of the fascist character, integralism always had the proclamation of nationalism as prominent element of his speech, even if it to materialize of different forms according to the political context. Thus, in the 1930s the integralist nationalism incorporated the critique of the international capitalism, in the early 1940s claimed the indissoluble link between Brazil and Portugal, and in the postwar articulated up, is so contradictory, to a neoliberal economic platform.

Keywords: Integralism. Nationalism. Plínio Salgado.

Resumen

Este artículo discute la configuración del nacionalismo reivindicado y difundido por el movimiento integralista brasileño en diferentes momentos de su trayectoria. Como movimiento de carácter fascista, el integralismo siempre tuvo la proclamación del nacionalismo como destacado elemento de su discurso, aunque esto se concretizara de distintas formas según el contexto político. Así, en la década de 1930 el nacionalismo integralista incorporaba la crítica al capitalismo internacional, en inicios de los 1940 reivindicaba la ligación indisoluble entre Brasil y Portugal, y en el post-guerra se articulaba, de forma contradictoria, con una plataforma económica neoliberal.

Palabras clave: Integralismo. Nacionalismo. Plínio Salgado.

Notas

- ¹ Este artigo é parcialmente resultante do projeto de pós-doutoramento “As relações políticas de Plínio Salgado em Portugal (1939-1946)” desenvolvido na Universidade do Porto com bolsa concedida pela CAPES. Também retoma algumas análises presentes na tese de doutoramento de História CALIL, Gilberto. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1964: cães de guarda da ordem burguesa* (Niterói: UFF, 2005). A maior parte dos documentos citados no artigo foi consultada no Fundo Plínio Salgado do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro (doravante referido como APHRC), e os jornais portugueses citados foram consultados na Biblioteca Nacional de Portugal.
- ² Esta qualificação foi originalmente proposta em TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel; Porto Alegre: UFRGS, 1974. É sustentada, dentre outros em VASCONCELOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979; e CHAUI, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUI, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Cedec/Paz e Terra, 1978. Nossa posição a este respeito, em concordância com esta qualificação, é desenvolvida em CALIL, op. cit., 137-173.
- ³ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. Em Busca do Sigma: estudo sobre o passado político de Plínio Salgado às vésperas da fundação da AIB. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: PUC, 1978, p. 59. O romance *O Estrangeiro* deu início a uma trilogia complementada por *O Esperado* (1931) e *O cavaleiro do Itararé* (1932).
- ⁴ Apud MEDEIROS, Jarbas; VIEIRA, Margarida. “As idéias políticas de Plínio Salgado”. In: CRIPPA, Adolpho (Coord.). *As idéias políticas no Brasil*. v. 2. São Paulo: Convívio, 1979, p. 139-186, p. 169.
- ⁵ VIEIRA, op. cit., p. 71.
- ⁶ Apud TRINDADE, Héglio. “A Ação Integralista Brasileira: aspectos históricos e ideológicos”. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, v. 10, Rio de Janeiro, 1973, p. 25-60, p. 36.
- ⁷ TRINDADE, Héglio. *Integralismo...*, op. cit., p. 94.
- ⁸ Apud VIEIRA, op. cit., p. 92.
- ⁹ Apud MEDEIROS; VIEIRA, op. cit., p. 171.
- ¹⁰ TRINDADE, *Integralismo...*, op. cit., p. 130.
- ¹¹ TAVARES, José Nilo. *Conciliação e radicalização política no Brasil: ensaios de história política*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 191.
- ¹² VIEIRA, op. cit., p. 115.
- ¹³ BRANDI, Paulo. “Plínio Salgado”. In: DICIONÁRIO Histórico-Biográfico Brasileiro pós 1930. Edição Revista e Ampliada. ABREU, Alzira Alves de. et al. (Coord.). Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 5198.
- ¹⁴ Isto confirma a proposição de Leandro Konder de que “a valorização fascista da nação, exatamente porque é inevitavelmente retórica, precisa ser agressiva, precisa recorrer a uma ênfase feroz para disfarçar o seu vazio”. KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1991, p. 13.
- ¹⁵ TRINDADE, Héglio. Integralismo. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós 1930*, op. cit., p. 2811-2812.
- ¹⁶ CHAUI, op. cit., p. 31.
- ¹⁷ Diretiva do Chefe Nacional do integralismo Plínio Salgado aos integralistas brasileiros em 5 de setembro de 1939. In: SALGADO, Plínio. *O integralismo brasileiro perante a nação*. Lisboa: Gráfica Limitada, 1946, p. 125.
- ¹⁸ Correspondência de Olbiano de Melo a Loureiro Júnior [s. d.], 1942 (APHRC Pi 42.00.00/26).
- ¹⁹ Correspondência de Plínio Salgado a Loureiro Júnior, 4.9.1939 (APHRC-Pi 04.09.39).
- ²⁰ Na declaração de guerra do Brasil às potências do Eixo. In: SALGADO, *O integralismo brasileiro perante a Nação*, op. cit., p. 155. O manifesto era assinado por 27 lideranças integralistas.
- ²¹ Manifesto de 1943. In: SALGADO, *O integralismo brasileiro perante a Nação*, op. cit., p. 160.
- ²² SEITENFUS, Ricardo. *A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 302 e 303. Colpi relatou à embaixada: *Consegui encontrar Plínio Salgado bastante facilmente e tive com ele quatro encontros, a partir de 10 de abril último, sempre em locais diferentes*. Relatório de Colpi, enviado especial italiano a Lisboa sobre seus encontros com Plínio Salgado em 10 e 19 de abril de 1942. Apud SEITENFUS, op. cit., p. 349.
- ²³ Idem, p. 305.
- ²⁴ Depoimento de Schellemborg. Apud HILTON, Stanley. *A guerra secreta de Hitler no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p. 350.
- ²⁵ Depoimento de Theodor Páfñen. Apud HILTON, op. cit., p. 351.
- ²⁶ Idem, p. 367.
- ²⁷ Entre dezembro de 1943 e junho de 1946, Salgado pronunciou 30 conferências em diversas cidades de Portugal, e publicou oito livros (sete dos quais reunindo textos de conferências), dos quais destacam-se *Vida de Cristo* (Lisboa: Ática, 1943), *Aliança do sim e do não* (Lisboa: Ultramar, 1944) e *Conceito cristão de democracia* (Coimbra: Estudos, 1945).

- ²⁸ Plínio Salgado falou na Casa do Ribatejo de Aspectos do Brasil Sertanejo. *Diário da Manhã*, Lisboa, 23.4.1946, p. 1.
- ²⁹ Na Casa do Ribatejo Plínio Salgado falou sobre Aspectos do Brasil Sertanejo. *Novidades*, Lisboa, 23.4.1946, p. 6.
- ³⁰ Idem.
- ³¹ Como nasceram as cidades no Brasil. *Novidades*, Lisboa, 26.3.1946, p. 3.
- ³² Correspondência de Plínio Salgado a Loureiro Júnior, 24.11.1939. APHRC-Fpi 39.11.24-1.
- ³³ PARTIDO de Representação Popular, Carta de Princípios e Programa. Porto Alegre, Edição do Diretório Regional do Partido de Representação Popular, 1955, p. 56-57.
- ³⁴ Carta de Princípios e Programa, op. cit., p. 27-28.
- ³⁵ Proclamação do PRP. Idade Nova, Rio de Janeiro, 27.10.1946, p. 1.
- ³⁶ SALGADO, Plínio. *Direitos e deveres do homem*. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1949, p. 124.
- ³⁷ SALGADO, Discurso de Niterói. In: SALGADO, Plínio. *Discursos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947, p. 133.
- ³⁸ SALGADO, Plínio. *Direitos e deveres do homem*, op. cit., p. 124.
- ³⁹ Idem, p. 28-29.
- ⁴⁰ SALGADO, Plínio. Início de uma campanha cívica. *A marcha*, Rio de Janeiro, 9.8.1957, p. 2.
- ⁴¹ Partido de Representação Popular - Programa. *Reação brasileira*, 18.10.1945, p. 5.
- ⁴² Entrevista concedida por Plínio Salgado a *O Jornal*, Rio de Janeiro, fev. 1959. Original datilografado (APHRC-FPS 091.004.015).
- ⁴³ Idem.
- ⁴⁴ SALGADO, Plínio. O verdadeiro nacionalismo. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 6.3.1953, p. 3.
- ⁴⁵ Ata do Diretório Nacional, 28.6.1948 - Livro de Atas do Diretório Nacional e das Convenções Nacionais (APHRC-FPS 021.005.005). CONVENÇÃO NACIONAL DO PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR, V. Livro de Atas da Fundação e das Convenções Nacionais (APHRC-FPS 023.007.007). *Ata...*
- ⁴⁶ Águas turvas [editorial]. *Idade Nova*, Rio de Janeiro, 21.10.1948, p. 3.
- ⁴⁷ Serviços públicos [editorial]. *Idade Nova*, 12.8.1948, p. 3.
- ⁴⁸ Um projeto legislativo nesse sentido foi apresentado no Congresso Nacional, sem maiores consequências. *Parecer sobre o Projeto de Supressão da segunda parte do Hino Nacional*, 7.3.1961 (APHRC-FPS 009.006.008).
- ⁴⁹ Uma evidência da necessidade de seguir reivindicando o nacionalismo para manter suas bases sociais é o fato de que em 1955, como candidato à presidência da República, Salgado se apresentava como “o candidato nacionalista”.
- ⁵⁰ SALGADO, Plínio. Doutrinas econômicas. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 19.6.1953, p. 3.
- ⁵¹ SALGADO, Plínio. Trigésimo aniversário da Ação Integralista Brasileira e atualidade de seus princípios. In: *Discursos parlamentares*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1982, p. 466-485, p. 472.
- ⁵² Inquérito Política Econômica. Entrevista concedida por Plínio Salgado, 1955 (s./d.) (APHRC-FPS 011.004.004). Grifo meu.

Fontes impressas

PARTIDO de Representação Popular. *Carta de Princípios e Programa*. Porto Alegre, Edição do Diretório Regional do Partido de Representação Popular, 1955.

SALGADO, Plínio. *A aliança do sim e do não*. Lisboa: Ultramar, 1944.

_____. *Conceito cristão de democracia*. Coimbra: Estudos, 1945.

_____. *Direitos e deveres do homem*. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1949.

_____. *Discursos parlamentares*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1982.

_____. *Discursos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947. Coleção Convivium.

_____. *O integralismo brasileiro perante a nação*. Lisboa: Editora Gráfica Limitada, 1946.

_____. *Vida de Cristo*. Lisboa: Ática, 1943.

Bibliografia

- BRANDI, Paulo. Plínio Salgado. In: *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós 1930*. Ed. rev. e ampl. ABREU, Alzira Alves de et al. (Coord.). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001, p. 5198.
- CALIL, Gilberto. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1964: cães de guarda da ordem burguesa*. Tese (Doutoramento em História). Niterói: UFF, 2005.
- CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUI, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro, Cedec/Paz e Terra, 1978, p. 17-149.
- HILTON, Stanley. *A guerra secreta de Hitler no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- MEDEIROS, Jarbas; VIEIRA, Margarida. As idéias políticas de Plínio Salgado. In: CRIPPA, Adolpho (Coord.). *As idéias políticas no Brasil*. v. 2. São Paulo: Convívio, 1979, p. 139-186.
- SEITENFUS, Ricardo. *A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- TAVARES, José Nilo. *Conciliação e radicalização política no Brasil: ensaios de história política*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- TRINDADE, Hégio. A ação integralista brasileira: aspectos históricos e ideológicos. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, v. 10, Rio de Janeiro, 1973, p. 25-60.
- TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel; Porto Alegre: UFRGS, 1974.
- VASCONCELOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. *Em busca do Sigma: estudo sobre o passado político de Plínio Salgado às vésperas da fundação da AIB*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica, PUC, São Paulo, 1978.